



Sérgio Sant'Anna
o pássaro da
perfeição
contos
escolhidos

ORGANIZAÇÃO E POSFÁCIO
GUSTAVO PACHECO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIX

Obra publicada com o apoio da
Fundação Biblioteca Nacional / Ministério da Cidadania

FUNDAÇÃO
BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



© 2019, Sérgio Sant'Anna
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Pássaro da Perfeição.*

Contos escolhidos

Autor: Sérgio Sant'Anna
Organização e posfácio: Gustavo Pacheco
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Maio de 2019

ISBN 978-989-671-490-1
Depósito Legal n.º 455294/19

ÍNDICE

NOTAS DE MANFREDO RANGEL, REPÓRTER (A RESPEITO DE KRAMER)

(1973)

O círculo	9
Marieta e Ferdinando	16

O CONCERTO DE JOÃO GILBERTO NO RIO DE JANEIRO

(1982)

Na boca do túnel	25
O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro	53
Conto (<i>não</i> conto)	92

A SENHORITA SIMPSON

(1989)

O duelo	99
O efeito bumerangue	131
Um discurso sobre o método	151

BREVE HISTÓRIA DO ESPÍRITO

(1991)

A aula	173
--------	-----

CONTOS E NOVELAS REUNIDOS

(1997)

Estranhos	197
Os desígnios secretos	211

O VOO DA MADRUGADA

(2003)

O voo da madrugada	215
Um conto nefando?	233
Um conto abstrato	239
A barca na noite	241
A figurante	245

O HOMEM-MULHER

(2014)

O conto maldito e o conto benfazejo	265
Melancolia	267
Tubarões	269
Amor a Buda	271

O CONTO ZERO E OUTRAS HISTÓRIAS

(2016)

O conto zero	281
O presépio	303
A bruxa	314
O museu da memória	321

ANJO NOTURNO

(2017)

Um conto límpido e obscuro	327
O conto fracassado	332

INÉDITO

(2019)

Le bateau ivre	347
Posfácio, <i>por Gustavo Pacheco</i>	355
Nota biográfica	359

NOTAS DE MANFREDO RANGEL,
REPÓRTER (A RESPEITO DE KRAMER)
(1973)

O CÍRCULO

O cabelo dela jazia desalinhado, espalhando-se pelo corpo dele e no próximo minuto de silêncio ele tornou-se o homem mais sadio do mundo, despojado de sua seiva, liberto de sua mente. Uma longa noite de prazer. Espero poder lembrar-me dela quando estiver sofrendo.

J.P. DONLEVY, Sexta-feira triangular

Depois de algum tempo no topo, o movimento teria de se realizar, progressivamente, em direção ao fundo. Porque era um círculo. Os dias levariam mais tempo e as noites seriam longas e quentes. Não se conseguiria dormir e os lábios do homem se tornariam roxos, por causa de tantos cigarros, e a língua pastosa, por causa do álcool. E o suor, nele e nela. Os corpos procurando as margens da cama, para não se encontrarem, porque seria repugnante. Os corpos buscando o ar fresco, que não entra pela janela.

Ele se levanta e vai tomar um banho frio. Mas é o verão e a água está quase morna: os canos ainda não esfriaram, porque é apenas meia-noite. A mulher permanece deitada e imóvel, com os olhos fechados, como se dormisse. Mas, com os músculos tensos, ela pode somente fingir que dorme. Fingir para si própria e para ele. O homem, acreditando que a mulher dorme, talvez se relaxe e também durma. As noites mortas e iguais: depois de eles terem alcançado o topo e iniciado a descida para o fundo.

Porque antes, nas proximidades do alto do círculo, ele trazia coisas para casa e as entregava à mulher, como um presente, mesmo que se tratasse apenas de um embrulho de pães. Depois a mulher esquentava a sopa na cozinha e ele a observava, antecipando. Ele chegava cansado da rua e tirava os sapatos, estirando-se no sofá e sentindo o próprio corpo. Sentindo o corpo e o cansaço e o cheiro da sopa e dos pães que chega da cozinha. E ele espreitava a mulher: o cheiro da mulher, a pele e o corpo da mulher. As mãos

dele entrariam pelo vestido dela, experimentando, como se fosse pela primeira vez e desconhecido. E durante a noite ele perguntará a ela se pode acender a luz, para vê-la. Ela dirá que sim, com prazer, fechando os olhos. Era assim, quando eles alcançavam o cume. Mas o sistema era um círculo e eles tinham de descer.

Eles vinham descendo, até atingirem o fundo. As glândulas da mulher funcionando com violência e ela se aproximava do último dia do ciclo. A mulher deitada e silenciosa, esperando. Nesses dias, aproximando-se o fim do sistema, a mulher poderia pensar em coisas assim como retornar à casa dos pais ou à infância. A mulher tinha vontade de abandonar o homem ou, ao menos, que o verão terminasse. Ou simplesmente pedir a ele que a levasse para uma cidade pequena, na praia. A mulher pensava que viver junto ao mar seria sentir-se próxima a todos os lugares do mundo. A mulher era muito jovem e às vezes tola e pensava mais, nesses dias. Quieta num canto, de noite, sem ao menos acender a luz: pensando em ter um filho, para que algo de novo acontecesse. Ou para que uma força lhe rasgasse o corpo e o que houvesse de maligno nele saísse. A mulher pensava em fabricar imediatamente uma roupa de criança, encontrar um serviço para as mãos. As mãos suando e tremendo e a mulher pensava também em pedir ao homem que eles se casassem. Para que ela pudesse entrar numa igreja, ao som de música, e depois chorar. A mulher queria chorar agora, mas não conseguia. Ela esperava pelo homem, no escuro. Ele não chegava.

A mulher enfureceu-se. Acendeu a luz e olhou o apartamento vazio. Somente um quarto, com o sofá velho servindo de cama, a mesa e cadeiras. Apenas um quarto e o banheiro e a cozinha. A mulher viu na parede o quadro de que o homem gostava. Retângulos e quadrados superpostos. O homem dizia que o quadro era bom por causa de sua simplicidade geométrica. Ao lado do quadro havia um punhal. O homem gostava, também, daquele punhal. Tornava-o próximo de uma rudeza que de verdade não possuía. A mulher segurou nervosamente o punhal e começou a fincá-lo no

quadro. A mulher viu o quadro destruído, mas ainda não conseguiu chorar. Ela só tremia.

O homem chegou em casa tarde e quase bêbado, porque não quisera vir cedo e ver a mulher, falar com ela. Era, talvez, o último dia do ciclo e do círculo: a data aproximada para se tocar o fundo: o lodo do fundo. O homem perguntou a ela, secamente, por que fizera aquilo. A mulher disse que não gostava do quadro. O homem disse que o quadro era dele e custara dinheiro. Depois o homem sentiu-se mesquinho, porque, secretamente, admirou a coragem dela de destruir. O homem compreendia, mais ou menos, por que ela fizera aquilo. Assim era o círculo, mas as discussões obedeciam a uma outra lógica e o homem disse à mulher que ela só destruíra o quadro por ciúme. — Porque não foi pintado por você. — A mulher tentava ser uma pintora e disse que destruíra o quadro porque ele não vinha para casa na hora certa. O homem respondeu que era livre e voltava na hora que quisesse: — As horas não são diferentes umas das outras. — A mulher disse, então, que tinha vontade de morrer. — Pois então morra — ele respondeu e ela se aproximou da janela. Ela olhou lá para baixo e havia cinco andares. O homem não acreditava que ela se atreveria, mas nunca se tinha certeza. Ele temia que ela se atirasse apenas para provar-lhe isto: que era capaz de se atirar. O homem deu um salto e segurou-a pelas costas e gritou que ela era uma neurótica filha da puta. Ele nunca a xingara antes desse modo e ela encarou-o, ultrajada, e deu-lhe um tapa no rosto. Então o homem empurrou-a, atirando-a ao chão. Ela poderia ter se amparado com os braços, se quisesse, mas preferiu que seu corpo caísse com violência e com o barulho seco de um corpo batendo no assoalho. O homem teve um pouco de medo de que ela houvesse se machucado e aliviou-se quando a viu soluçando. Os soluços, no princípio, rompiam a garganta com dificuldade. Mas depois a mulher soltou-se e chorava livremente.

O homem escutava o choro da mulher e queria que existisse um outro quarto no apartamento, para onde ele pudesse ir. Mas não

POSFÁCIO
O ornitólogo perfeccionista

por Gustavo Pacheco

1969 pode ser considerado uma espécie de *Annus Mirabilis* para o conto no Brasil: foram publicados *Lúcia McCartney*, de Rubem Fonseca, e *Guerra Conjugal*, de Dalton Trevisan, obras seminais de dois dos maiores contistas brasileiros. Foi também naquele ano que veio à luz *O sobrevivente*, primeiro livro de Sérgio Sant'Anna. Dezesesseis anos mais novo que os outros dois autores, ele viria a se tornar o membro mais jovem e inquieto da Santíssima Trindade do conto contemporâneo no Brasil. Cinquenta anos e vinte livros depois, Sérgio Sant'Anna é hoje figura central e incontornável da literatura brasileira e um dos grandes expoentes do conto em língua portuguesa.

Quando vemos a obra de Sérgio Sant'Anna em conjunto, a primeira coisa que nos salta aos olhos é a variedade: de gêneros, de extensão, de tema, de feitio. *O Pássaro da Perfeição* pretende apresentar ao leitor português um panorama o mais representativo possível dessa variedade. Embora tenha transitado pelos mais diversos gêneros literários, da poesia ao teatro, é na narrativa curta — contos e novelas — que Sérgio Sant'Anna mais se destaca. Tendo em vista as limitações de espaço, optei por não incluir neste volume suas novelas, deixando-as para um volume posterior.

Os contos aqui reunidos abarcam todas as fases da carreira do autor e refletem suas principais obsessões. Embora sejam muito diferentes entre si, guardam certos elementos comuns, como a frase exata, direta e escorreita; uma voz própria, franca e sem

afetação, reconhecível tanto na terceira como na primeira e até mesmo na segunda pessoa (como no pungente «A barca na noite»); e, sobretudo, uma predileção por (ou necessidade de) deixar à mostra os andaimes da criação, convidando o leitor a não se esquecer de que tudo aquilo é... ficção. Nas palavras do autor: *É como se o mundo, para mim, já surgisse filtrado pela representação*. Talvez venha daí outro elemento recorrente em sua narrativa: o senso de humor que, ao sublinhar a artificialidade do mundo e da própria arte, nos lembra a todo tempo que «todo ser humano é sempre risível».

Michel Saint-Denis disse certa vez que «estilo é fazer o que o texto pede». Ele estava falando da exigência de o ator adequar sua performance às necessidades de cada texto dramático, mas poderia estar falando das estratégias ficcionais de Sérgio Sant'Anna. A diversidade aqui apresentada não é, como se pode perceber, resultado de um capricho ou maneirismo do autor, mas sim de sua convicção de que cada conto pede uma configuração particular.

É assim, por exemplo, que de um mesmo livro — *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, de 1982 — é possível selecionar três textos antológicos e, ao mesmo tempo, completamente distintos entre si. «Na boca do túnel» é possivelmente o melhor conto sobre futebol já escrito no Brasil. Sua forma clássica, de corte enganosamente realista, se presta admiravelmente a transmitir o conhecimento acumulado em uma vida inteira jogando, assistindo e amando futebol (e, mais ainda, amando o Fluminense F. C.). «O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro», por sua vez, é talvez o melhor exemplo de um traço muito característico da obra de Sérgio Sant'Anna, presente em vários momentos deste livro: o diálogo com outras expressões artísticas, como a música, o cinema, as artes plásticas e, sobretudo, o teatro. Aqui, a forma ficcional reflete e responde à liberdade criadora de artistas tão diferentemente inovadores quanto John Cage, Antunes Filho e João Gilberto. Além disso, ao abordar o fazer e o não-fazer no campo da arte, esse conto também condensa, de certa forma, uma poética de

Sérgio Sant'Anna, inspirando assim o título deste volume. Por fim, em «Conto (*não* conto)», o amor à representação é radicalizado, chegando até a metalinguagem e indo além dela, como vários outros textos nesta antologia («Um conto abstrato», «O conto maldito e o conto benfazejo», «O conto fracassado»), que, em conjunto, conformam praticamente um subgênero na obra do autor.

Essa variedade de forma e conteúdo, tão distintiva de Sérgio Sant'Anna, é com certeza uma das razões que fazem com que sua prosa nunca tenha perdido o vigor e a novidade. Uma prova disso é a abertura, nos livros mais recentes, de um fascinante veio memorialístico, aqui representado por «O conto zero», «A bruxa» e «O museu da memória». Outra prova é «Le bateau ivre», conto inédito recém-escrito, que encerra esta antologia e demonstra que, ao completar cinquenta anos de carreira, Sérgio Sant'Anna continua em pleno domínio dos seus poderes criadores.

Sérgio Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro, em 1941. É autor de vinte livros nos mais diversos géneros, do romance ao teatro, mas foi sobretudo no conto que se consagrou como um dos mais importantes escritores brasileiros, com títulos como *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (1982), *A senhorita Simpson* (1989) ou *O voo da madrugada* (2003). Venceu o Prémio Jabuti (quatro vezes), o Prémio Clarice Lispector da Fundação Biblioteca Nacional, o Prémio Portugal Telecom e o Prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte. A sua obra já foi traduzida em várias línguas, além de ter sido adaptada para cinema e teatro.

o pássaro da perfeição

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Eigel, Indústria Gráfica,
sobre papel Coral Book de 80 g,
em Abril de 2019.